

20-12-2020

## Empreendedorismo e Perversão

Fernando Gastal de Castro

[Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da UFRJ.  
Doutor em Psicologia do Trabalho e das Organizações]

É importante que se diga sem rodeios, o empreendedorismo conduz à perversão!

Logo, o elogio da cultura e da educação empreendedoras em nossos dias, revela a construção de uma sociedade cada vez mais adoecida e carente de laços humanos genuínos. Um primeiro modelo do empreendedor moderno é o personagem *Fausto* de Goethe.

Em sua terceira metamorfose, ao tornar-se o *fomentador*, Fausto descobre que a destruição e a ruína são intrínsecas ao processo de desenvolvimento do capitalismo. O *fomentador* representa, nesse sentido, o nascimento de um ser humano calculador que, à custa de enormes sacrifícios humanos e naturais, engendra o progresso, ou seja, a acumulação progressiva de capital como condição de desenvolvimento da sociedade. Expulsar populações inteiras de seu habitat, como sublima Marx, e assim engendrar a *autodestruição inovadora*, como propaga o anúncio da *Mobil Oil* em 1978, mostra-se o destino do ser humano *empreendedor*.

*Josiah Wedgwood*, pioneiro na criação do sistema de fábricas inglês no século XVIII, procede em sua manufatura de cerâmicas uma divisão do trabalho rigorosamente calculada, estabelecendo regras para a diminuição de desperdícios, fixando horas de trabalho e contratando capatazes responsáveis pela vigilância.

Após dez anos de existência de sua fábrica, afirma com orgulho que *havia transformado trabalhadores lentos, bêbados e inúteis em um magnífico conjunto de mãos*.

É a *fome por dinheiro* do espírito empreendedor transformando-se em um fim em si, reduzindo as pessoas e a natureza a recursos de capital em benefício do progresso. Já no século XX, surge a figura do empresário schumpeteriano como modelo de empreendedor. Exemplo de *sujeito inovador*, este empreendedor do século XX visa destruir os concorrentes e criar seu monopólio, fazendo-se o exemplo da pessoa fora do comum, por sua vitalidade e energia em criar mercados, produzir invenções tecnológicas e ganhar dinheiro.

A novidade perversa da noção de *empreendedorismo* da atualidade mostra-se justamente no fato de Estado e Mercado estarem juntos para educar a todos - ricos, pobres, negros, brancos, indígenas, funcionários, operários, executivos, homens, mulheres - a serem

*empreendedores de si mesmos* e desenvolverem o *pathos* (paixão) competitivo como razão de viver.

O Eu de cada indivíduo torna-se, nestes termos, um capital que é necessário rentabilizar por meio de investimentos constantes em suas próprias habilidades, comportamentos e atitudes, visando o sucesso concorrencial, pressionado pela coação de um mercado de trabalho altamente competitivo, desregulado e violento. Como resultado desse processo, temos o esvaziamento do desejo singular e a transformação da variedade de nossas experiências subjetivas em créditos e débitos, indicadores de nosso sucesso ou fracasso, reduzindo a vida a uma máquina contábil capaz de tudo que for necessário para alcançar sucesso.

A comparação desse processo social com a barbárie nazista não é, de modo algum, sem propósito.

Adolf Eichmann, membro da SS da Alemanha Nazista e responsável por gerir a logística de deportações em massa dos judeus durante a 2ª Guerra Mundial, responde diante do tribunal de Jerusalém que agiu de acordo com a noção kantiana de dever e conforme a lei e a vontade do Führer. Em suma, Eichmann afirmou que cumpriu eficazmente seu trabalho. Chegamos aqui à noção de *banalidade do mal*, consequência maior do empreendedorismo, assim como do nazismo.

Estamos diante da construção de uma subjetividade perversa que se reproduz por toda sociedade no século XXI. O termo latino *pervertere* significa *virar totalmente, levar ao caminho errado, corromper*.

De onde podemos concluir que uma subjetividade humana pervertida, está corrompida em suas possibilidades de fazer-se humana, incapaz de experimentar sentimentos humanos por si e pelos outros em função da frieza calculista que faz do mundo e das pessoas objetos manipuláveis.

Eichmann realiza com sua prática gerencial o extermínio de seres humanos com o mesmo zelo de quem conserta o motor de automóvel ou cuida de um paciente enfermo. O empreendedorismo contemporâneo, de forma análoga, torna cada ser humano zeloso por suas metas, seus cálculos, seus balanços, suas competências, suas estratégias concorrenciais, suas atitudes inovadoras, sua capacidade competitiva e desse modo, indiferente aos desejos e necessidades dos outros seres humanos e aos seus próprios.

Os indivíduos tornam-se desse modo, capazes de fazer ou assistir a todo tipo de desumanidade como mostra Christophe Dejours, com a frieza e a indiferença de um perverso, inclusive rendendo elogios à eficácia do *trabalho bem feito*. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.